

ROTA

UM NOVO JORNAL
UNIVERSITÁRIO
AO SERVIÇO DA
UNIVERSIDADE

LINHAS DE RUMO
PROBLEMÁTICA,
ACÇÃO

UMA TRIBUNA
ABERTA A TODA
A JUVENTUDE

UM MOVIMENTO DE
JUVENTUDE NA
ESCALA IMPERIAL

DE UNIVERSITÁRIOS PARA UNIVERSITÁRIOS - ANO I - NÚMERO 2
DIRECTOR: EGÍDIO A. GOMES • EDITOR: ANTÓNIO M. SANCHO

junho - 1958

Li há tempos numa revista uma série de considerações sobre a Universidade e os universitários na Argentina, das quais uma me atingiu profundamente, fazendo-me reflectir e nunca mais me abandonando, antes se transformando quase numa obsessão, uma frase que se referia às publicações universitárias.

Aproximadamente — não tenho à mão o exemplar que a continha — a frase era: — Que é feito dos nossos jornais universitários de outrora, em que imperava o bom humor e a malícia bem intencionada, e que é feito daquelas alfinetadazinhas e das graças picantes de que a nossa juventude universitária fazia gala? Onde pára a alegria esfusante e a camaradagem sã que caracterizavam a Universidade?

Lendo este artigo sobre a Universidade Argentina, parecia estar a ler um crítico justo e desapassionado, que se referisse à Universidade Portuguesa, e parecia encontrar, passo a passo, uma apreciação lúcida e penetrante sobre a actual Juventude Universitária Portuguesa.

Lembrei-me dos rostos sérios e concentrados dos dirigentes juvenis, da maneira rígida e formal como eles conduzem os seus assuntos, dos artigos que publicam e que mais parecem de veteranos de sessenta anos, muito pensados, muito geométricos, muito sérios e pouco atraentes, e do modo intransigente e por vezes violento como eles se remetem às suas opiniões, aos seus pontos de vista e à sua teimosia.

Lembrei-me de tudo isso, e uma pergunta me ocorreu: para onde vais, juventude, onde pára a tua alegria, onde está a tua descontração, e a tua irreverência?

Pergunta grave, sem dúvida, mas que reflecte uma situação que deve ser considerada também grave.

em busca de um novo humanismo

No dia 8 de Janeiro de 1957, Yves de Guerny escrevia no «Soir»:

«...Os suecos suportaram, no dia 1 de Janeiro de 1957, outro choque bastante brutal. Na tarde da véspera, milhares de jovens, durante mais de cinco horas seguidas, entregaram-se, no coração da capital, a uma orgia de saque e vandalismo. Nada pareceu sagrado a esses jovens exaltados, que foram perturbar os fiéis numa igreja e caíram sobre as tumbas de um cemitério... Certamente, não é a primeira vez que manifestações deste género se produzem na Suécia... Mais que os próprios factos, contudo, o que inquieta a opinião sueca é a sua explicação, o motivo profundo, a procura das causas. Esta procura é coisa bastante penosa num país que não conheceu as tragédias da guerra, onde a política não é coisa por que se combata e que se vangloria de um nível de vida muito superior.

...Não era uma manifestação de gente morta de fome, mas um ataque insensato às montras e aos automóveis, símbolos perfeitos deste país bem governado».

Apreciando os factos em «Dinâmica Social», Florin Mironescu escreveu:

«Esses limites (das causas) confundem-se com os limites extremos da nossa civilização tecnológica e vão unir, por sobre o Atlântico, à psicose mórbida da América super industrializada, com a sua juventude delinquente, os seus suicídios em cadeia e o seu «spleen».

E o escritor acrescenta:
«Não é a confusão entre Técnica e Cultura que trará a menor mudança à reali-

dade. A massa ilude-se por uma pseudo-cultura, que se traduz no plano prático pela cega mania de subserviência a todos esses auxiliares do bem-estar, telefone, rádio, cinema, televisão, que em lugar de estimularem a reflexão, ocupam o seu lugar».

Por essa Europa e essas Américas além, para só falar do que conhecemos melhor, e para nos restringirmos à nossa Civilização Ocidental, sucedem-se os actos aparentemente paradoxais, multiplicam-se os artigos que os tentam explicar e cresce constantemente esta certeza: a Juventude sofre uma crise, a Juventude não encontra os seus caminhos e tenta, desesperadamente, abrir uma porta que dê saída à sua sensação subconsciente e mal definida de angústia, à inquietação de que não conhece as causas e de que, muitas vezes, nem sequer chega a conhecer a totalidade dos sintomas.

Em Portugal, nos jornais, na rádio, no livro, cresce também o número daqueles que, constatando a actual situação e a sua gravidade, tentam para ela encontrar um remédio.

«Ao observarmos a nossa mocidade — apoio, garantia e esperança do futuro — com a amargura nos lábios, incredulidade no pensamento, cepticismo nos actos e a indiferença nas palavras, somos tomados de pânico. Uma sensação angustiada povoou-nos de maus preságios» — escreve-se no «Diário Ilustrado».

E surgem inúmeras vozes, que se erguem contra a apatia, dando o seu contributo para o despertar da Juventude.

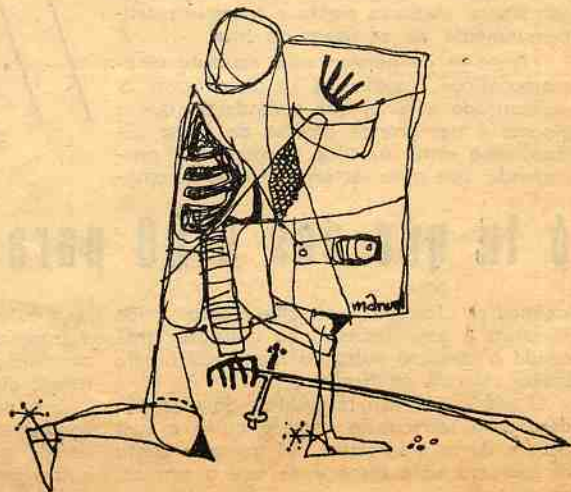
Nas Universidades em maior escala, e nos outros estabelecimentos de ensino um pouco mais atenuada, a crise expande-se e domina. A grande massa, a quase totalidade da população estudantil, afasta-se das iniciativas

(Continua na pág. 11)

Juventude

e

Iniciativa



1

CINEMA E CINECLUBES

Nesta página ora iniciada em ROTA trataremos de analisar o complexo fenómeno cinematográfico tal como ele se apresenta ao espectador, ao crítico, àquele que, querendo ir ao cinema, ver cinema, discutir cinema, compreender cinema, não quer, no entanto, fazer cinema, e por isso não está interessado em aprofundar o seu saber no sector da sonorização, da escolha de ângulos, da montagem ou da idealização. Tentaremos essencialmente analisar a maneira como a «mensagem» que o cinema, o bom cinema — o que realmente quer exprimir alguma coisa — nos traz, é apreciada e recebida pelo elemento fundamental a que é dirigida — o Homem. Tentaremos dar uma visão panorâmica dos múltiplos aspectos sob os quais se nos revela a força enorme e ainda mal domesticada da arte fílmica, e procuraremos dissecar cada um deles, ligando-o ao sector que mais nos interessa — a Juventude, a sua problemática, as suas necessidades e o seu ambiente próprio.

O PÚBLICO

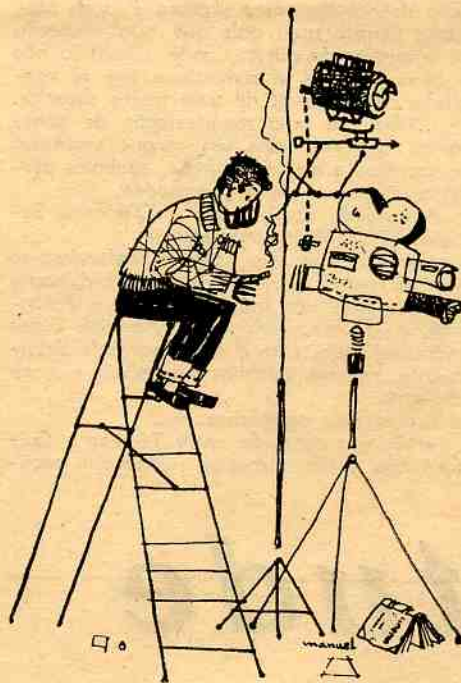
Quem se der ao trabalho de ler as publicações de há uns cinco anos para trás verificará que, para o crítico e para o simples amador de questões cinematográficas, existiam duas espécies de público: o público que sabe distinguir entre uma obra de arte, uma obra de valor e de categoria, e uma obra ridícula, mal amanhada e sem consistência; e o público que digere pacientemente toda a espécie de fitas e fitinhas que lhe cozinham, chorando nos dramalhões pesados e sentimentalóides, e rindo desastinadamente com as graças sem sabor.

Até há poucos anos o aspecto geral do nosso público manteve-se assim, com franca maioria do lado dos que não compreendem, não vêem e não percebem. Depois, lentamente, quase subrepticamente, uma nova força foi tomando as suas posições e consolidando o seu potencial. Surgira uma nova categoria de público. Com sacrifícios e com trabalho penoso, representando umas vezes um anseio mais ou menos generalizado do meio, pretendendo noutros casos impor-se e criar um estado de espírito colectivo de despertar frente às novas correntes de pensamento e de penetração, foram aparecendo os cineclubes.

E a terceira categoria de público passou a dominar, a arrastar insensivelmente as outras duas. Organizou-se, criou chefes, erigiu ideais, esculpiu metas e lançou-se deliberadamente na vertigem da luta.

«Trata-se de pessoas com «cultura cinematográfica», rapazes e raparigas com ar concentrado e sério, que aprenderam que o cinema é um grande espelho do nosso século, uma arma subtil e tremenda de propaganda, que pode ser uma técnica de envi-

dar uma consciência e uma visão do mundo muito mais ampla e útil do que a que lhe advinha da experiência, ainda curta, ou dos livros, longos e caros. Ao lado dos jovens, trabalhando afincadamente pela valorização da arte cinematográfica, procurando estender a «mensagem» ao maior número possível, colocaram-se todos aqueles que, de boa



despertou e lançou-se afincadamente ao trabalho.

O filme deixou de ser um simples repositório de cenas sem grande significado moral e abandonou a sua tarefa inicial de distração para se transformar na «mensagem».

E a «mensagem», necessária e reclamada, encerra em si todo o perigo que uma mensagem pode encerrar. A mística, quando criada pelos homens, é tão falível como eles. Homens de boa fé e de ideias elevadas tentam transmitir o seu pensamento à tela e dar aos seus semelhantes algo de belo e inesquecível. Mas o homem é complexo e muitas vezes cego de espírito, e as mais variadas doutrinas tomam conta dele e, de boa ou má fé, deliberada ou inconscientemente, o filme serve-lhe de veículo à expressão dos seus ideais.

E o público, não o público que tudo aceita sem reagir, nem o que sabe o que quer e o que não quer, mas aquele que, ávido de aprender e de penetrar no novo mundo que o cinema representa, sequioso de receber e compreender a «mensagem» que os homens seus irmãos lhe enviam, escuta e vê com fervor quase religioso, esse público pode ser enganado, atraído, arrastado e pode transformar-se no maior inimigo de si próprio e da sociedade.

Deixámos declaradamente a época em que cada um ia ver uma fita porque lhe disseram que era boa ou porque, conhecendo de um actor ou realizador, esperava que ela fosse boa. Agora vamos aos cine-clubes, com os seus programas organizados, com os seus temas generalizados e com os seus comentadores e críticos de ideias já formadas e cristalizadas.

Passámos à fase em que se pretende consciencializar a multidão, criar um espírito determinado à juventude e caminhar para um cinema de tese e um público de estudiosos. Lêem-se as revistas da especialidade e ouvem-se os críticos.

E o perigo aumenta assustadoramente porque «esses rapazes e raparigas honestos e sérios correm o risco de se tornarem involuntários espectadores «engagés», mais perniciosos ainda porque são honestos e bem intencionados, fortes porque se creem possuidores e defensores de uma verdade».

Por outro lado, fartos de ouvir críticos e ler revistas, desejosos de que os deixem em paz, para ver unicamente o seu filme, não

(Continua na pág. 11)

ó tu que dás 9.00 para fugir ao mundo

lecimento, farrapo vermelho para onde investirá o cego monstro da multidão, trocando o correcto vulto do manobrador pelo brilho colorido da ficção».

O público juvenil, o público da camisola desportiva, do cabelo cortado curto e sem risco e do ar progressivo, foi tomando conta de que era uma força e de que o cinema, as organizações de cinema, lhe poderiam

ou má fé tiveram a sensibilidade de espírito e a agudeza de raciocínio necessárias para concluir que o cinema é a grande arma dos nossos dias.

E o perigo surgiu e estendeu-se, ameaçando provocar desorientações e ódios. O cinema, que até certa altura não tomara ainda conta do enorme poder de penetração e de propaganda que estava ao seu alcance,

não
adormeças
vê

DECLÍNIO

Uma tarde, depois do almoço, quando me dirigia à Faculdade, encontrei três ou quatro colegas, que discutiam, acaloradamente, sobre a Poesia. Um deles perguntou-me o que entendia eu por poesia.

Esta interrogação impeliu-me a falar do verso francês.

E eu pensei que a poesia não constitui um campo unificado; é o que se aprende. É uma profissão. Um versificador não é forçosamente um poeta. Poeta exige vocação (do verbo latino «vocare», que significa chamar). Há quem nasça poeta e há quem se torne versificador. Por outro lado, um poeta transforma-se em artista pelo estilo e pela versificação. Por isso eu diria da versificação que é uma técnica do verso ou o conjunto de processos que servem para se fazer poesia.

Seria interessante conhecer a riqueza do verso francês. Na poesia francesa há um duplo sentimento e admiração e de espanto.

Esse sentimento de admiração conduz-nos à segurança, à continuidade, à eficácia do esforço despendido pelo génio poético francês, para encontrar a sua expressão técnica.

No decurso dos séculos passados e no do actual sentimo-lo embebido por um instinto divinatório, guiado por um julgamento sólido na elaboração de uma arte que é simultaneamente difícil e agradável — passo a passo, ele segue a evolução da língua. A versificação francesa é, ao mesmo tempo, um jogo de bom senso e de sentido artístico.

Desde a origem da literatura francesa o dom poético francês compreendeu e aceitou sem protestar que, não marcando a língua francesa claramente, como o grego e o latim, as longas e as breves, a acentuação serviria somente de base a esta versificação (sem ter estudado latim e grego seria inútil estar a comparar-vos o verso francês ao verso grego e latino).

Acentue-se que alguns pedantes e revolucionários modernos, apelidados de livres versificadores, ensaiaram a fundação de uma escola que se baseava não no número de sílabas, até a última tónica, mas sobre a sua quantidade; actuaram em vão; pois não tiveram bons resultados. Grande número dos nossos contemporâneos modernos medem o verso partindo dos ideais. Este género, quanto a mim, não vai mais longe, porque a linguagem poética francesa deseja conservar a sua tradição.

Apesar de tudo o génio poético francês resiste à agitação dos séculos, ao fluxo e seus ritmos demasiado vivos e aos seus mar-

refluxo das idades, às tempestades e às convulsões das revoluções literárias. Enfraquecido pela acção dos retóricos do século XV, vítima das injustiças desse mesmo século derivadas da adopção de técnicas e géneros novos — que os poetas do grande século (XVII) elevarão ao ponto mais alto da sua perfeição — ele encontra depois os



DA POESIA FRANCESA

rigorismos de Boileau e de Malherbe no mudo, o ritmo do Alexandrino e o emprego da acoplação, e interessa Racine e La Fontaine, que se rendem ao mudo, à leveza do ritmo e à ligação oculta.

É ele que anima o maior técnico francês, Vitor Hugo, e é à influência soberana dos

móreos versos do Parnasso que os simbolistas oporão a música e a leveza do seu verso; o génio francês é uma balança lógica que retoma sempre à sua seiva no campo da tradição.

Ao sentimento de admiração diante do esforço realizado, sucede-se um sentimento de espanto perante a anarquia dos técnicos e o mutismo actual de poesia. Não sei bem como explicar-vos essa anarquia e especialmente esse mutismo. Talvez pela dureza dos tempos.

Ao lado dessa luxuriante poesia, que influenciou o lirismo francês do século XIX, os românticos encontraram novas formas de expressão: o Parnasso em primeiro lugar, e em seguida o simbolismo, com poetas de talento como Lamartine, Vitor Hugo, Alfred de Vigny, Alfred de Musset, Beaudelaire, Verlaine, maestros de prodigiosas orquestras que fizeram ouvir toda a gama de música. Seria fatal que uma saturação, um desinteresse, um cansaço, invadissem músicos e ouvintes, que os poetas se vissem obrigados a repetir-se e que o público pedisse benevolência — certamente os assuntos não foram esgotados e não o serão jamais; serão sempre renovados por cada época e por cada poeta.

Estará a arte fatigada? As regras de versificação, a medida dos versos, cesuras, ligações, rimas e ritmos estão quase esgotados. É aí que surgem essas inúmeras tentativas de versificação livre para valorizar uma nova fórmula poética — acrescentamos também que é aí que começa o desagrado do grande público no respeitante às antigas fórmulas, desagrado esse a que os partidários da versificação livre acrescentaram o golpe de misericórdia.

É preciso não nos precipitarmos, afirmando que a poesia está sepultada. As épocas de análise seguem-se às idades, de ouro poéticas e assistem a uma rotação parcial. Os intelectuais sabem que ao movimento poético do século XVIII se sucedeu o grande século (XIX). Assim, face a essa poesia, que diziam doente, o romantismo lançou subitamente o seu fogo de artifício num céu estrelado. Todos os séculos terão o seu sucessor. Tal como o homem, a planta tem

necessidade de oxigénio; além disso o homem necessita de vitaminas retiradas das plantas. Mas isso não basta, é necessário dar ao homem a sua energia vital; é preciso elevá-lo acima de si próprio, é preciso enobrecer a sua alma — numa palavra, o homem necessita da poesia.

(Continua na pág. 5)

dos

prè universitários

O panorama universitário associativo é dominado essencialmente pela falta de colaboração que a maioria dos alunos — começando logo pelo primeiro ano, pelos caloiros —, quase diríamos fazer gala em ostentar, emperrando o bom funcionamento dos organismos e impedindo aquela renovação absolutamente necessária que iria gerar novas ideias e descobrir novos horizontes — já que, não havendo renovação, pontificam nos organismos associativos aqueles grupos de «mais interessados» que precisam de se desdobrar para atender a todas as frentes.

Quanto a nós, tudo radica na quebra de continuidade existente entre os Liceus e a Universidade, na falta de contacto entre os alunos dos últimos anos e os universitários, na falta de iniciativas, ao nível liceal, que congreguem eficazmente as boas vontades dos diversos núcleos que se formam e, ainda, na falta de jornais próprios que permitam uma mais ampla informação e uma mais intensa permuta de ideias.

A O. N. M. P., a J. E. C. e os escuteiros, embora mantenham uma actividade que em certos campos é notável, resolvem apenas certas facetas do problema, já que não possuem a profundidade de actuação que seria necessária à vastidão do empreendimento e às suas características próprias.

Os jovens pré-universitários, ultrapassada ou ainda no auge a evolução que, de meros receptáculos de saber, os transforma em autodidatas, mostram-se desconfiados frente às iniciativas, isolam-se dos colegas mais velhos, e não compreendem, ou não querem compreender, os esforços despendidos na tarefa de elevar a Universidade e os seus alunos a um plano superior, que ultrapasse e vença o indiferentismo, a desconfiança e a falta de entusiasmo que assentaram arraiais nas nossas faculdades.

ROTA — jornal de universitários para universitários e de jovens para jovens — não se podia alhear — a menos que se negasse a si próprio — do problema, e não se alheou.

Surge assim a página dos pré-universitários, dedicada essencialmente a entrevistas, a inquéritos, a depoimentos, a debates, em suma, a um encontro amplo entre toda a juventude. Nas restantes secções do nosso jornal haverá ainda porta aberta à colaboração de todos, em qualquer campo e sob qualquer forma.

ROTA, dando as boas-vindas à juventude pré-universitária, leva-lhe a sua compreensão e boa vontade, e recebe-a de graças abertas.

teatro

Ouvimos em primeiro lugar as alunas do Liceu D. Filipa de Lencastre. No dia anterior ao da nossa entrevista tinha-se realizado a festa das finalistas. A oportunidade de debater os assuntos previamente seleccionados era excelente, e não deveria perder-se. Recebidos na Reitoria, ali mesmo formulámos o nosso inquérito e recebemos as respostas dum dinâmico grupo de seis senhorinhas, alunas do 6.º e 7.º anos. Ao sairmos pensávamos com satisfação que o ambiente em que vive a juventude, o ambiente que a juventude cria para si própria, não é tão negro como muitos o representam, e víamos que poderíamos contar com a colaboração e com a dedicação à nossa causa daquelas a quem nós tínhamos dirigido.

As perguntas formuladas seguiam-se rápidas e precisas as respostas, de tal maneira que nem pudemos verificar se provinham da Maria da Fátima, da Gabriela Bento, da Maria Muñoz, da Maria Madalena, da Ana Maria, da Maria Isabel, ou da Margarida Fernandes. Duma coisa ficámos, no entanto, certos: as respostas dadas definem a maneira de pensar de todas elas frente às questões equacionadas.

— Qual é o ambiente que encontram entre as alunas estas festas de encerramento, principalmente no respeitante à questão de Teatro?

— As que realmente tomam parte nelas e nelas trabalham, vivem intensamente as



camaradagem

festas e sentem o seu significado profundo, mas a maioria mostra apenas curiosidade. Além disso o cinema domina, e o interesse pelo Teatro é reduzido.

A resposta, confirmando algumas das nossas suposições iniciais, encontra aqui como em todo o lado, a existência de duas posições fundamentais face aos problemas: a indiferença e a atitude mística, comportando entre ambas algumas outras, das quais se salienta a curiosidade. A pergunta seguinte é de maior interesse para a vida universitária, atendendo a que a solução de certos problemas têm que se procurar já a partir dos liceus.

— Haverá possibilidade de se caminhar, partindo dos liceus, para a estruturação e

preenchimento de quadros dum teatro universitário? — perguntámos.

— Oh! Sim, cremos que sim, mas é difícil. Nos liceus como o nosso em que todos os papéis, femininos ou masculinos, têm de ser desempenhados por raparigas, em que os trabalhos de encenação, de carpintaria e de iluminação são realizados por nós próprias e não por rapazes, como normalmente deveria ser, e em que na escolha das peças se tende cada vez mais para a supressão de papéis masculinos, o interesse pelo teatro, e principalmente o interesse pela actuação directa no teatro, vai caindo e desaparecendo progressivamente.

A resposta revela-nos iniludivelmente a posição tomada pelos estudantes liceais em relação ao problema tão importante das vantagens e desvantagens dos liceus mistos. O caso focado é, para nós, apenas um aspecto sob o qual ele se nos apresenta. Intercâmbio, camaradagem, amizade, confiança, são outras tantas facetas a explorar. Explorá-las-emos, e estamos certos de que aparecerão afirmações interessantes que ajudem a clarificação do problema. Aliás, interessa-nos também ouvir os pais, os professores e os antigos alunos, porque todos eles terão, sem dúvida, uma palavra a dizer.

Uma outra questão, a das condições de criação dum Teatro Liceal, incidiu ainda sobre o mesmo campo, mostrando mais algumas desvantagens dos liceus em que a separação impera.

— É um pouco difícil, quer para nós quer para os liceus masculinos, formar um grupo cénico capaz, porque os papéis masculinos ou femininos desempenhados por alguém do sexo oposto perdem a quase totalidade do seu interesse e fazem apenas, na maioria dos casos, nascer um sorriso na assistência.

— Existirá no vosso Liceu — perguntámos — um núcleo, restrito embora, que possa criar o ambiente necessário ao intercâmbio teatral entre os vários liceus, e entre os liceus e a Universidade?

— Sem dúvida que existe. E esse intercâmbio, quanto a nós, seria óptimo.

Mudando de assunto, abordámos outra questão de grande interesse. Perguntámos às nossas entrevistadas se achavam aconselháveis e necessárias as visitas de alunos dos últimos anos às Faculdades, permitindo um primeiro contacto com os organismos nelas existentes, e com a sua população estudantil. A resposta é esclarecedora.

— Seria ideal — afirmaram animadamente — seria mesmo excelente. Quando chegamos à Universidade andamos positivamente «às aranhas», sem conhecer nada nem ninguém, e quando nos adaptamos ao ambiente e à vida própria da Faculdade já perdemos um tempo precioso. Note que nem todas te-

DECLÍNIO

POESIA

DA

Seria penoso e lamentável que as almas modernas, angustiadas, atormentadas pela técnica nova, afastados dos poetas, não procurando em parte alguma a linguagem da alma, só encontrassem divertimento no cinema, no romance da «série negra», nos salões de baile e nos cafés. Será preciso, de novo, pedir poesia aos poetas. Mas, acutelmo-nos, será necessário precavermo-nos contra os conservadores rotineiros e os revo-

lucionários anárquicos. Bem entendido, não defendo que se retome o velho tema da Barbárie, que desfazia e desagregava tudo para fabricar de novo.

Apesar da sua liberdade actual, a poesia tem os seus defensores — há poetas fiéis à métrica tradicional e partidários do verso livre. Como mostra a experiência dos séculos literários franceses, é o fundo que cria a forma; a inspiração faz o instrumento,

obedecendo à natureza própria da poesia.

Note-se que depois das duas grandes guerras mundiais que abalaram as almas e os espíritos não é possível que a poesia permaneça a mesma — ainda não recobrou ânimo para enfrentar os grandes temas de inspiração e de expiração. Estamos sequiosos de verdadeira poesia. Quisera fazer reviver Ronsard e Camões, e, mais perto de nós, Vítor Hugo, para nos testemunharem as consequências devidas às bombas atômicas e de hidrogénio do nosso perverso século.

FRANCESA

dos

prè universitários

mos pessoas conhecidas na Universidade, que nos guiem e amparem. A maioria vai sozinho, e isola-se. Ahamos também que a Rádio Universidade nos deve dedicar mais tempo e atenção, olhar mais para os alunos dos liceus, para os seus gostos e suas preferências.

O depoimento, de extremo interesse fica a marcar o início do debate que Rota levará a cargo sobre o intercâmbio entre estabelecimentos de ensino médio e universitário. Na sequência da pergunta anterior inquirimos ainda se essas visitas poderão contribuir para a criação dum clima de camaradagem e confiança a todos os títulos desejável entre a juventude.

— Sim, é esse o nosso desejo, e cremos ser também o desejo de todos.

Estava terminada a entrevista, vários pontos tinham sido esclarecidos. Outros tinham ficado em suspenso. Fora este o primeiro contacto de ROTA com a juventude pré-universitária. É de justiça assinalar que os resultados obtidos, tão encorajadores tinham sido, nos animam a prosseguir no caminho encetado.

Das declarações feitas pela professora organizadora da festa de encerramento, que gentilmente nos recebeu no seu gabinete, destacámos pelo interesse de que se revestem, as que se relacionam com a revelação de valores, os ensaios, e a criação de teatros universitários.

Sobre a revelação de valores, disse a nossa entrevistada:

— Sim, por vezes tem-se revelado alguns valores dos nossos liceus. Lembro-me da Lurdes Norberto, do D. Leonor, da Cármen Dolores, do D. Filipa, e de algumas outras. Mas é raro. O que se nota muito — e o facto foi bastante apontado na nossa festa, é o aparecimento de boas vozes.

— Acha que uma acção intensa produzirá melhores resultados? — insistimos ainda.

— É difícil, porque não há tempo. Veja por exemplo as nossas Festas. É inútil marcar os ensaios para três meses antes, porque é apenas nos últimos quinze dias que elas aparecem. Além disso as professoras também não têm tempo, porque precisam de ensaiar muitas outras coisas.

A terminar, perguntámos ainda se haveria possibilidade de se criar, em cada Liceu, um grupo de Teatro, ou um Centro de Teatro dos Liceus, que representaria e actuaria em todos os Liceus. Interessou-nos também saber a opinião da nossa entrevistada acerca da criação dum Teatro Universitário a partir dos Liceus.

— Acho difícil — disse-nos. Os pais sentem relutância em deixar sair os filhos do seu ambiente. De resto, normalmente, só há uma festa desse género em cada ano lectivo. Quanto ao Teatro Universitário, é uma questão vossa. No entanto acho aconselhável a criação dum só grupo bom do que vários fracos.

Ficámos satisfeitos. Dois novos problemas tinham surgido, exigindo solução ou impondo atitudes: o do tempo e o dos pais. Esperamos abordá-los ainda, nas nossas futuras entrevistas.

universidade

Vou pendurar a alma atrás da porta
Onde um casaco desbotado sonha
Junto à sombrinha sem varetas...
Já passaram de moda as coisas pretas:
Dior das multidões... é quase uma vergonha!

E desço ao povoado à hora morta
Dos banquetes, da festa entusiasmada
Nas taças transbordantes!
Preciso, ao som de ritmos extenuantes
Dançar, gritar em convulsões sem fim.

Se fico assim parada,
Hão-de troçar e dizer mal de mim!

Hei-de flirtar.
Não tenho grande jeito,
Mas às vezes, um sorriso contrafeito
E um olhar de lado
Em vez de hipocrisia, parecem o efeito
De um coração apaixonado!

E se vier alguém — sem cérebro vazio,
A quem a bela pose não convença...
Nasci assim, escudada d'indiferença
— única coisa a que não renuncio!

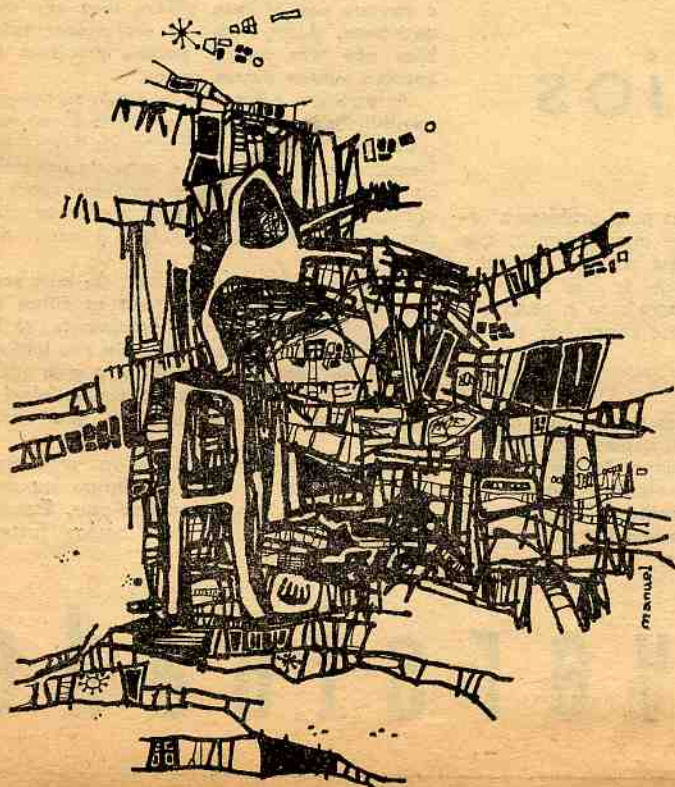
Vou ao «ballet»...
Sózinha é que não fico,
Um bom decote... um casamento rico,
E enfim... sempre aproveito
Para exibir um gosto «refinado».

Ah, como o mundo anda todo enganado!

Mas, com certeza que não tenho ideais,
Porque isso bem se vê que era exigir demais...
Calai-vos ó heróis de todos os perigos
Nunca vos encontrei senão na minha alma absorta,
Mas essa... pendurei-a atrás da porta!

Desprezo-vos, amigos!

MARIA BEATRIZ DOS SANTOS FERREIRA



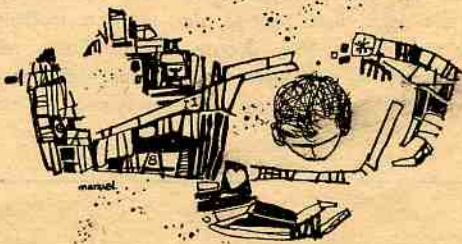
Passa um homem na rua, rosto absorto, olhos no vácuo, incerteza no olhar e tristeza nos lábios. Passa um homem, passa nidos os dois pólos trágicos do nosso século: o homem, solitário, remetido ao seu próprio eu, compelido a fechar-se sobre o seu multidão, indiferente, apática, apressada.

Sendo a poesia como é, uma das formas mais elevadas da vida e da descoberta da alma, não parece estranho que nela se reflitam em fórmulas novas ou fórmulas já debatidas, esse problema que vivemos. A juventude não se afasta também do mundo em que vive, sente-o profundamente, analisa-o, estuda-o, e tenta, muitas vezes, exprimir as opiniões que sobre ele formou, as dúvidas que ele lhe suscita.

A nossa primeira página de poesia, visa sobretudo uma expressão da angústia e da solidão humanas, face à multidão, face ao próprio eu, face a lutar e de dominar.

Em cada uma das poesias que se seguem está latente essa busca funda que a juventude faz de si própria e do Mundo — lendo que descobrimos algo de novo e que poderemos compreender melhor a humana.

P Á G I N A



Olha-me, quem
Teus olhos f
olhos amargo
olhos d'água
jogem dos m
e então,
quando te ju
e toda a mi
me parece ve
e errante,
há o calor d
também fugi
também ama

Caos!...
Estilhaços d
pesados,
pendentes
dos meus olh

Quero-te,
na vã espera
que eu tinha
que a vida
não fora
fugidia,
amarga

nem minha.

A minha morada
reduzira-se a mim
ela seria tudo assim

Amiga e inimiga
distância e proximidade
forma única de conseguir
perder minha cidade.

Escravo!
Jugularam-me de longe
Então quando vens?

Depois riram-se...
E eu, eu?! Bff...
Ri com eles ao desafio
seguí-os na hilaridade...

Só quando a noite caiu
senti uma vez mais em fio
a falta de verdade...

Trouxeram-me água quente
ao meu poço de água fria

e eu sofri-os no engano

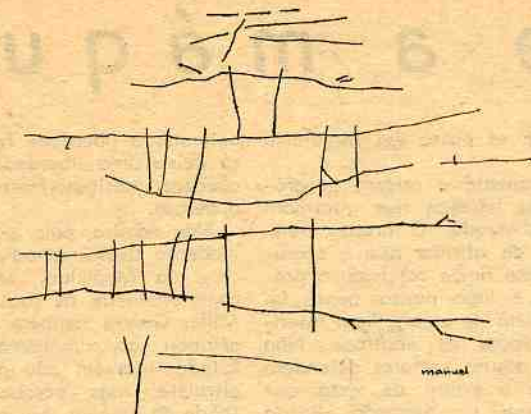
— meu poço era oceano
e eu era quem morria...

as cavadas na face,
ultidão e ficam defi-
onado, desconhecido,
verso individual, e a

ressão do sentimento
tal ou parcialmente,
ental que todas nós
antes pelo contrário,
subconscientemente,
geriu.

ionação do tema da
tão difícil de ana-

eciação subtil e pro-
entimos nós próprios
problemática juvenil



Traços horizontais
dum horizonte calmo.

Traços de azul
traços marcados,
não marcados...
diluídos...

Traços de mar e céu,
traços de além...

Entre mim e o horizonte
o mar

E vão nascendo dele
vindas da água
cenas que o ar
a uma e uma esvai...

Estátuas desfeitas
que ninguém esculpiu
...horas passadas
badalando o céu
figuras de colcheias,
de semifusas,
duma canção

Que ainda ninguém escreveu
e o horizonte, ao longe, horizontal!...

Bustos de reis
são logo transformados em palácios.
Escadas de corda...
Um cisne... um sonho...!
Saem do mar
tridentes e Neptunos.
Compõe o céu
coisas que a água leva!

Já são espaçadas,
raras, as figuras.
Uma... outra agora.
M. G. Vejo-te a ti, bem nitido, no céu.
A água do mar
me vem cobrir, os olhos
e os traços já não são horizontais...

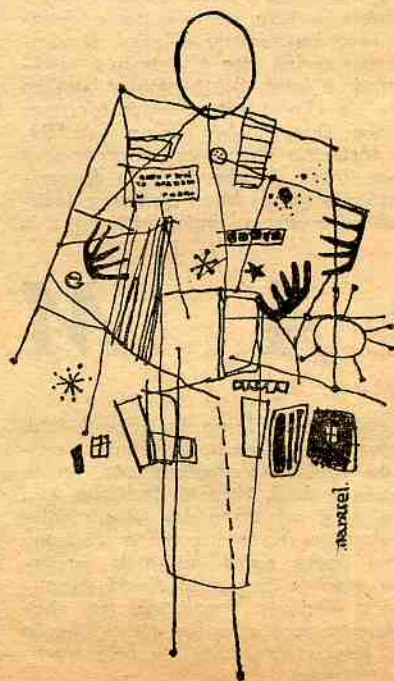
MARIA TERESA

1

POESIA

Eu gosto da vida
que gira, que gira
e rodopia
à volta dos meus anos.
O tempo é meu,
as estrelas são turbilhões
nos meus olhos famintos.
E a vida gira, gira, gira,
e eu sou arrastada,
puxada,
amada,
e não quero,
não quero
morrer.
Quero rodopiar,
viver, viver
no ardente turbilhão
de areias ardentes do meu pensamento.
Não há tempo,
não há tempo para parar
e ver,
devagar
a flor que abre
e o sino que dobra
no limiar do céu.
Não há tempo
pois a vida
gira, gira, gira,
e escorre
entre os meus dedos
estendidos, crispados,
levantados a agarrar
a minha alma que foge.
A vida GIRA, GIRA, GIRA,
e eu quero
sorrê-la,
vivê-la,
ATÉ SENTIR VERTIGENS.

DORA DE LENCASTRE



o doente e a máquina

1 — **Actualidade do problema** — Está novamente em foco a socialização da Medicina. O problema, que já não é de agora, encontrava-se, felizmente, quase esquecido e abandonado.

Um dos inconvenientes da situação geográfica do nosso país, que por vezes se transforma numa vantagem, é o de se encontrar afastado dos grandes centros mundiais. Assim, as ideias lá cozinhadas e de lá exportadas chegam-nos geralmente bastante atrasadas, mas, em compensação, muito atenuadas. E também nos fica mais tempo para pensarmos a frio nos inconvenientes e vantagens dessas ideias, quando traduzidas na prática.

Com a socialização da Medicina deu-se precisamente o mesmo: numa altura em que, por todo o lado, se vincam já as vantagens que a «colectivização» trouxe, numa ocasião em que os próprios beneficiários se mostram descontentes, eis que o problema é de novo levantado entre nós!

2 — **Confusão de conceitos** — Muitas pessoas, e em especial os defensores da Medicina socializada, confundem os conceitos dos termos «socializado» e «social», empregando-os indistintamente. Isto gera, entre os menos preparados, uma confusão terrível, que leva essas pessoas a dizerem bem daquilo que pensam ser um mal e a ver com maus olhos o que, afinal, deve ser bem visto.

Não se pode empregar o termo «social» quando nos pretendemos referir à Medicina colectivizada, à Medicina estatal, à Medicina comunicada ou, como normalmente se diz, à Medicina socializada. Os termos não são sinónimos e, na prática, podem até tornar-se incompatíveis. Aliás, a Medicina teve desde sempre, e não só agora, uma função «social».

3 — **O «social» na Medicina Tradicional** — Vulgarmente, entre as pessoas menos esclarecidas, e muitas vezes com intuitos interesseiros de propaganda pouco séria, afirma-se que a ideia de estender o comunismo ao exercício da Medicina surgiu exclusivamente com a finalidade única de atender à saúde das classes outrora chamadas «pobres» e hoje pomposamente denominadas «económicamente débeis». O espírito com que se faz esta afirmação é totalmente errado e falso. Basta atentar bem no juramento de Hipócrates e, entre nós, nas Misericórdias. Quem souber um naco de História da Medicina Portuguesa lembrar-se-á dessa obra impar de abnegação e de caridade cristã que são as Misericórdias, e facilmente reconhecerá a importância que o

baseiam-se no que se passa em Inglaterra e na Rússia.

Sabe-se perfeitamente a origem geográfica e política das heresias que informam a Medicina colectivizada. O arauto moscovita lembrou-se de afirmar que a comunicação da Medicina havia resolvido o problema na Rússia e logo muita gente foi nisso embalada. Além de alguns bem intencionados, foram todos os «outros». Não admira, pois, que alguns sectores defendam intransigentemente o ponto de vista que «lógicamente» vingou na chamada «Pátria do Socialismo». Esses estão na boa lógica ao manterem-se completamente dependentes das «palavras de ordem» emanadas de Moscovo por intermédio dos representantes devidamente autorizados. A esses há que combatê-los sobretudo no plano prático; aos bem intencionados temos que mostrar-lhes o erro ideológico, vincando bem os inconvenientes que se verificam na prática.

Quanto ao exemplo da Inglaterra, lembremo-nos de que a colectivização foi obra de um governo socialista comandado por quem foi a Espanha levantar o punho cerra-

animais: a liberdade humana. O socialismo só deixa uma liberdade: a liberdade de se obedecer obrigatoriamente ao Estado todo poderoso.

Não admira, pois, que o chamado Estado moderno tivesse invadido o campo do exercício da Medicina, tentando subordiná-lo completamente às suas directrizes. O Prof. Miller Guerra também o reconheceu quando afirmou aproximadamente o seguinte: «O Estado intervém não por razões de ordem altruista, mas porque tem interesse na saúde do homem, necessário como uma peça produtora da Nação». É aqui que reside um dos erros fundamentais da Medicina colectivizada. Esta roubou à Medicina o seu carácter altruista, de caridade cristã, de fraternidade humana e, em compensação, forneceu-lhe a burocratização e as «pinças» para o «arranjo» das «peças» dessa «máquina» que é a sociedade totalitária.

Como factores intrínsecos fala-se na especialização. Não se ataca esta; o que se condena é a super-especialização, é o fraccionamento.

Tudo corria bem enquanto as teorias ma-

socialização

do em auxílio dos «rojos». E não fica mal recordar, mais uma vez, o que lá se passou com os dentistas. Estes recebiam do Estado um tanto por cada dente que arrancavam e por cada placa que colocavam. Quando aparecia algum doente a queixar-se, surgia logo a pergunta: «Quer que o dente seja arrancado com ou sem anestesia?».

E, evidentemente, o doente, crente no carácter dos médicos que fizeram a Medicina de sempre, e desconhecedor da «psicologia» do funcionário estatal inventado e fabricado pela Medicina socializada, respondia, muito humanamente, que preferia com anestesia. O pior era depois, quando verificava que, em vez de um, lhe faltavam meia dúzia de dentes...

E mal se fala na onda de protestos que se levantaram e levantam em Espanha, em França, na Inglaterra e em Portugal. Quanto ao nosso país, o Dr. Silva Leal foi concreto: a solução é «baralhar e dar de novo».

5 — **Excessiva especialização** — Como muito bem disse o Prof. Miller Guerra, a evolução do exercício da Medicina foi con-

terialistas, enquanto as doutrinas naturalistas, enquanto o «cientismo», enquanto os erros da concepção mecanicista não ultrapassaram, impiedosamente, Claude Bernard, pretendendo explicar o homem exclusivamente do ponto de vista «científico-natural». É claro que não tardou a reconhecer-se como insuficiente tal concepção da pessoa humana. Contudo, os partidários da socialização da Medicina ainda não o reconheceram. Para eles o doente continua a ser exclusivamente uma «peça». O homem foi standardizado, o doente passou a ser um «número». As técnicas para eles, dominam a doença orgânica, a única que existe. O «funcional» não intervém; estão ainda no reinado do «orgânico»; a Medicina socializada só conhece a lesão orgânica. Eis a razão pela qual a corrente socializante ou marxizante da Medicina tende para a super-especialização através das «subespecializações».

Mas esta especialização despersonaliza o doente, desumaniza-o, transforma-o numa «roda dentada» da «máquina» social, que

DA MEDICINA?

«social» tinha na Medicina Tradicional. Isto, sem falarmos nas múltiplas obras particulares de verdadeira fraternidade, como por exemplo a de S. Vicente de Paula, etc. Estude-se, pois, a história das Misericórdias e os resultados: ver-se-á como a Medicina Tradicional ligava tanta ou mais importância ao «social» que a Medicina socializada. Foi a Medicina Tradicional que chamou a atenção para a função social, função essa que veio a ser prevertida pela Medicina colectivizada.

4 — **Rússia e Inglaterra** — Os exemplos que mais vulgarmente nos são apresentados

dicionada por factores intrínsecos e factores extrínsecos. Dentro dos últimos englobou os sociais, os económicos e os políticos. É nestes, precisamente, que reside a importância capital.

Afirma-se que a socialização da Medicina teve origem no facto de o Estado moderno ter abandonado a liberalismo e enveredado por um acentuado intervencionismo. Em parte, foi realmente o que sucedeu, tendo-se verificado o facto especialmente com as doutrinas socialistas. Estas vieram roubar ao homem o que ele tinha de mais sagrado, o que o individualiza dos outros

só tem interesse na medida em que conserva uma potencialidade produtora, na medida em que não emperra o funcionamento da «máquina».

Assim é que a Medicina socializada ignora a psicossomática, assim é que na Medicina socializada se torna impossível a psicoterapia, assim é que a Medicina socializada desconhece o todo humano como Klages procurou conhecer, como Von Hartmann o estratificou ou como a Pathosofia de Von Weisäker o reconheceu.

6 — **Função do Estado** — Com o que dizemos não queremos afirmar que o Estado

Notas

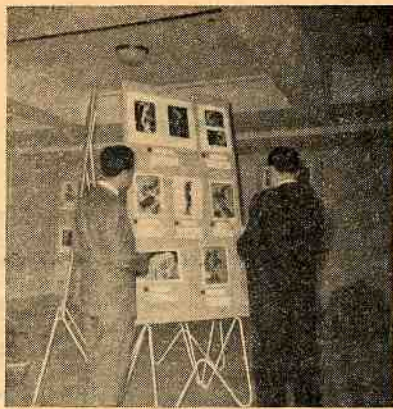
O universitário encontra-se, na grande maioria dos casos, isolado das realizações culturais e artísticas que se multiplicam por esse mundo além e que, numa escala um pouco reduzida, vão aparecendo em Portugal.

Conhece superficialmente, quando conhece, a obra deste ou daquele artista — quando não conhece apenas o nome —, sabe meia dúzia de banalidades sobre algumas correntes artísticas e pouco mais. Claro está que, no meio da grande multidão dos «apáticamente esclarecidos» e dos «sabedores superficiais», existe um núcleo de gente que possui mais ou menos luzes, que conhece realmente alguma coisa e que procura afanosamente aumentar, em quantidade e qualidade, os seus conhecimentos. São, no entanto, poucos.

As causas desta situação, que só não apelidamos de caótica porque no meio da multiplicidade e quase infinidade do saber actual e das expressões de um sentir artístico que invadem o mundo, achamos muito difícil mantermo-nos a par mesmo do essencial, são, quanto a nós, de natureza diversa, predominando no entanto três deles sobre os restantes.

A juventude não tem dinheiro para comprar as obras de divulgação artística e literária que, pelo seu preço, são apenas acessíveis a uma minoria mais abastada. A juventude não tem tempo para ler — asoberbada como está pelas matérias de estudo vastíssimas e pesadas e desejosa como se encontra, de esquecer o dia a dia aflitivo, derivando para o espectáculo e a diversão fáceis. E, por fim, a juventude não encontra muitas iniciativas que a procurem, que a chamem, que a atraiam, concedendo-lhe facilidades no encontro com a arte e com a cultura, de uma maneira geral.

Quanto às duas primeiras causas não va-



à margem



mos agora debatê-las. Cingir-nos-emos unicamente à terceira, aquela que tínhamos em vista quando pretendemos dizer algumas palavras sobre as exposições de Roullet e Rodin levadas a cabo ultimamente na Faculdade de Letras e na Faculdade de Medicina.

Achamos que as iniciativas deste género se devem multiplicar e estruturar, possibilitando ao universitário em particular e à juventude em geral um encontro íntimo e fácil com a arte e os seus valores mais representativos.

Achamos que não nos devemos reduzir a uma outra exposição nesta ou naquela Faculdade, mas que as exposições que vão aparecendo devem percorrer todas as Faculdades — e algumas iniciativas deste género têm surgido, merecendo todo o nosso

aplauso — e não só as Faculdades, mas também os Liceus, Escolas Técnicas, Colégios, etc. Por último, achamos ainda que as exposições não devem aparecer desligadas, umas das outras, sem continuidade, representando mais um esforço deste ou daquele sector para fazer «umas coisas de jeito», mas que devem obedecer a um tema geral, devem enquadrar-se numa vasta estrutura, que permita uma visão muito mais ampla da arte, dos seus problemas e das suas correntes.

Muita coisa há ainda a dizer sobre o panorama actual da cultura e da maneira da juventude com ela contactar. Por agora, quedamo-nos nestas breves considerações à margem de duas exposições, esperando no entanto poder reatar o fio da conversa num dos próximos números de «Rota».

de duas exposições

não deva intervir. Deve intervir, sim, mas sem o carácter que até agora tal contribuição tem mantido. Deve abandonar o interesse exclusivamente material e nunca deve esquecer as «razões de ordem altruista». O Estado deve intervir de modo supletivo e não de forma subordinante. Se o Estado, na sua contribuição, abandonar as «razões de ordem altruista», cai num extremo de gravidade imprevisível no futuro. Se o Estado tomar a saúde do doente exclusivamente na medida em que este possa servir a Sociedade e não também na medida em que esta possa servir aquele, as consequências poderão ser funestas. Se o indivíduo só interessa na

medida em que possa intervir produtoramente a favor dos interesses do Estado, que sucederá às pessoas humanas que não estejam de acordo com as ideias ou ideais que informam esse Estado? Logicamente, o médico-funcionário ao serviço desse Estado deve eliminar as «peças» que nele não «engrenam». E então surgem-nos na mente sérias dúvidas quanto à aplicação de algumas técnicas como a leucotomia, a narcot-análise, etc...

E surge-nos na lembrança, desde já, um caso concreto: o caso dos médicos russos do professor Vinogradov, que foram eliminados puro e simplesmente, em atenção aos inte-

resses do Estado.

Conclusão — Não! A socialização da Medicina está errada nos princípios, na forma como o exercício é praticado, não favorece o indivíduo e prejudica as nações e a Sociedade.

Não é dentro da Medicina socializada, mas sim dentro da Medicina tradicional que os pobres ou «econômicamente débeis» poderão encontrar a solução por que justamente ambicionam.

Lutemos, pois, por uma organização séria, justa e eficaz.

JOÃO FIGUEIRINHAS

o estado e o homem

jornais e revistas

RECORTES...

«O clima do rapaz e da rapariga moçambicanos de hoje há que ser o de sacrifício e de verdade, porque só dentro de tal condicionalismo a juventude poderá fazer a arrancada definitiva da construção desta Província, levando-a, com os seus homens e as suas riquezas, a desempenhar a sua missão característica no quadro geográfico e histórico do continente africano.

A juventude moçambicana há-de ser juventude de verdade — juventude atrevida, audaciosa. Tais atributos poderão parecer chocantes, mas representam uma linha justa de conduta humana formativa para que é preciso avançar. A esta orientação da juventude só apelidarão de desusada os meios que têm medo da verdade e por isso a mutilam, a abafam, a encandeiam, a estranham e a enterram».

«Diário de Moçambique»

«Ora parece-nos que uma dessas fontes (de turismo) se encontra precisamente na criação de espectáculos teatrais ao ar livre, a realizar anualmente, em datas fixadas e em lugares determinados... Como na Grécia antiga e na época medieval formar-se-á, por certo, o que com precisão se pode chamar... «um verdadeiro, um autêntico Teatro Popular».

«Diário Ilustrado»

«La culpa recae o debe recaer absolutamente sobre todos aquellos que, teniendo

en vista primordialmente, como mira única, sus ganancias comerciales, su afán exitista en el campo del «hacer dinero de cualquier manera», no vacilan en poner al alcance de los ojos más inocentes toda esa cinematografía y esa literatura, nauseabunda en su hondo moral, aunque aparentemente sana en la superficie y en la intención.

...El cinematógrafo y la televisión, previsiblemente, establecerán sus propios códigos para no ultrapasar los límites exigidos por la salud de la sociedad. Ahora son los editores de revistas y periódicos de historietas los que reglamentan su propia actividad afin de que una reacción violenta de la sociedad amenazada en sus cimientos no la haya desaparecer del todo».

«Dinámica Social»

«A exposição dos trabalhos extra-escolares dos alunos da E. S. B. A. L. é uma das mais importantes realizações dos alunos, pela possibilidade que oferece de estabelecer um diálogo constante, indispensável entre o público e o aluno, ao longo do seu processo formativo, libertando-o das inevitáveis limitações escolares, alargando o âmbito do interesse, enriquecendo essa mesma formação.

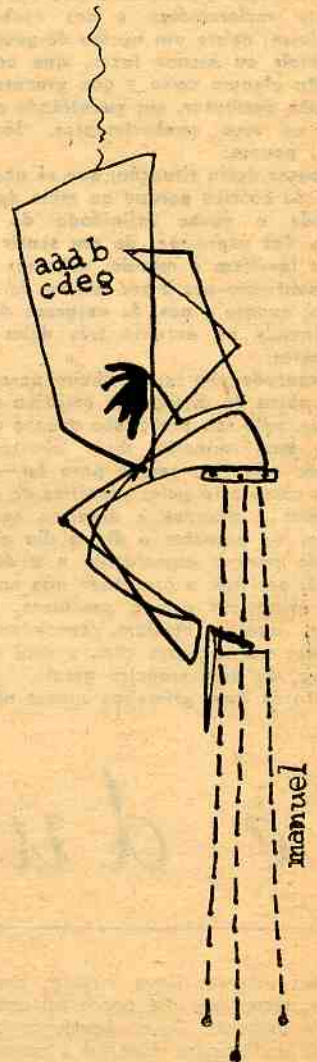
(...) Considerada parte de um sistema didático, directa ou indirectamente, a exposição só se pode tornar, então, um elemento dinâmico de formação quando se proporcionar o clima necessário para que diálogo,

crítica e confronto se possam estruturar e realizar, adquirindo um sentido positivo».

José Pacheco (Catálogo)

«Há nesta exposição uma inquietação e certa busca de modernidade que se traduz numa aparência um pouco epidérmica, mas esse estado de alma e de espírito não ficou mal a quem, cheio o coração, principia a vida para as artes plásticas e principia exactamente num tempo em que só uma consciência muito bem formada se não perde e se não descaminha por falta de ausência de personalidade».

«Diário Ilustrado»



universidade

NOTICIÁRIO

Uma iniciativa de grande interesse, é como classificamos a fundação do Clube Universitário de Jazz, associação universitária cujo principal objectivo é divulgar a música de «jazz» e possibilitar aos seus associados a aprendizagem de qualquer instrumento musical.

É multiplicando as iniciativas, interessando a juventude nos mais variados sectores, que poderemos concorrer para a aproximação de todos os seus membros e para a criação de um vasto movimento de despertar e de renovação do interesse e da confiança que ela deve depositar em si própria.

ROTA saúda o novo organismo associativo e desejando que ele sirva sempre intransigentemente os interesses da juventude universitária portuguesa, deseja-lhe uma vida desafogada e uma actuação sempre evolucionar.

DIREITO — Acabaram as aulas no dia 15 de Maio e não mais se ouvirá, nos velhos corredores da nossa Faculdade, a balbúrdia provocada por centenas de jovens plenos de vida e ambições.

Aquele velho palácio sossegará enfim.

Os novos não sentirão saudades mas nós, que ali estivemos dia após dia, rindo umas

vezes, sofrendo outras, não te esqueceremos.

Primeiro foi a Faculdade de Medicina que te abandonou, Campo de Santana, e tu perdeste então parte da alegria que encerravas; agora somos nós, e o teu velho jardim não mais sentirá a alegria esfuziante que a juventude (Jurídica) te dava.

E agora apenas quero desejar boas-vindas aos novos e felicidades aos veteranos na NOSSA NOVA FACULDADE.

«Foi um espectáculo excepcional o de ontem à noite, na Tapada da Ajuda. Excepcional pela iniciativa que o tornou possível em Lisboa, excepcional pelo ambiente em que se efectuou, excepcional ainda e sobretudo pela qualidade da obra apresentada e pela elevação artística atingida» — disse o «Diário Ilustrado».

Nos dias subsequentes ofereceu-nos o I Festival da Primavera, organizado pela Associação dos Estudantes de Agronomia, com o patrocínio do S. N. I., uma serenata, a representação, pelo T. E. P., de «Morte de um Caixeiro Viajante», de Miller, e um espectáculo de bailados, pelo Círculo de Iniciação Coreográfica, dirigido por Margarida de Abreu.

Foi uma jornada verdadeiramente notável

este I Festival de Primavera, digno representante do que podem fazer os estudantes quando a vontade não falta e o ânimo não falece. ROTA saúda a A. E. de Agronomia e deseja que nos seus dirigentes nunca esmoreça a chama que os levou a trabalhar de modo tão brilhante em prol da Juventude e do Espírito.

juventude e iniciativa o público

(Continuação da pág. 2)

(Continuação da pág. 1)

culturais, não colabora com os que as tentam levar a cabo e, com a «incredulidade no pensamento» e o «cepticismo nos actos», dá a entender que nada vale a pena, que a vida deve ser vivida sem esforço, que o sacrifício é uma palavra perdida, esquecida e falha de profundidade e significação.

De onde em onde surgem os idealistas, os bem intencionados, as almas intemeratas, que pensam poder contribuir para a elevação espiritual dos seus companheiros. Lutam, lutam muito, por vezes desesperadamente, mas esbarram com o indiferentismo, com a inércia, quase com a desconfiança. É uma luta inglória a sua, uma luta de que saem sempre vencidos, embora não convencidos.

E a Juventude passa, segue, alheada, desprezada, vai aos cinemas, à televisão, aos bailes, ao futebol. E a maioria da Juventude não lê, não colabora, não pensa, não se interessa. E as iniciativas morrem.

Indiferente, enorme, a Terra continua a girar no espaço, enquanto o telefone, a rádio, o cinema, a televisão, ocupam, de uma maneira cada vez mais exclusivista, o lugar da reflexão, da iniciativa pessoal, da alegria espiritual do «fazer alguma coisa».

Mas, simultaneamente, toda essa massa que se alheia, toda essa massa que se afasta, sente o vazio tomar conta de si, sente as consequências funestas do seu «não fazer nada», e faz barricadas na Plaza aux Foins, de Estocolmo, ataca os professores e a polícia, nos E. U., «vai encher-se de imagens», vai aos bailes, corre atrás de palavras de ordem e de estribilhos, em Portugal, e esquece-se do respeito que deve a si própria.

Triste panorama.

Triste sociedade, a actual, que leva a tal estado de coisas, substituindo o Homem pela Técnica e pela Máquina, esvaziando o Homem dos seus ideais e enchendo-o de imagens, de música, de palavras ocas.

E triste Homem, triste Juventude, a que se deixa encher por essas imagens, essa música e essas palavras ocas, altissonantes e falsas, não pensando, não reflectindo, não «sendo».

Ergue-te, Juventude, cria de novo os teus ideais, não tenhas medo do sacrifício, não penses só no futuro e dá todo o teu ardor, toda a tua mocidade e dinamismo às iniciativas daqueles que arvoras em teus chefes.

Ressurge, Juventude.

EGÍDIO ÁLVARO

se importando com mais nada do que a sua opinião pessoal, um outro sector da juventude vai-se fechando inexoravelmente às vantagens incomensuráveis que o cinema traz e vai perdendo sistematicamente a oportunidade inapreciável de estabelecer contacto com o resto do mundo e a sua problemática.

Face ao problema actual e espantosamente grave, que representa o aumento sempre crescente da «massa», da «multidão» e do isolamento cada vez mais acentuado do indivíduo que esse aumento comporta, o Homem tem no cinema a sua porta de entrada ou de evasão, conforme os casos, e não pode alhear-se dele, sob pena de cair na incompreensão do mundo e no isolamento forçado.

O Mundo empurra, pois, o Homem, para o cinema. Para a juventude, atraída também, o cinema pode constituir a fonte vivificadora do espírito, o alimento intelectual incomparavelmente benéfico, ou o veneno que mata e destrói, lançando à sua volta a miséria moral e a dor.

Esperemos que produtores, orientadores e público — especialmente a juventude — saibam afastar de si as tendências perniciosas e dar ao cinema aquela isenção, aquela inteireza e aquele valor que todos desejamos.

lugares de convívio entre universitários

(Continuação da pág. 12)

de pé sempre a objecção de que se tal acontecesse é porque às Associações — financeiras e instalacionalmente limitadas — não foi reconhecida a sua função altamente útil para o estudante português. Depois todas as críticas de E. A. — horário das Associações, má qualidade de mobiliário — encontram resposta exactamente no que atrás tenho vindo a considerar como causa desses factos na sua pureza material realmente exactos.

Nota, após, E. A. que o «statu quo» (ausência de local de convívio) se prolonga indefinidamente sem ninguém que o tente resolver e meta mãos à obra e congregar as boas vontades necessárias. Ora já isto me parece pouco verdadeiro. As Associações têm-no tentado — mas onde as boas vontades?

Para fechar, portanto, este primeiro ponto, julgo que é às Associações devidamente capazes — materialmente — que compete a solução do problema de convívio entre os alunos de cada Faculdade.

Duas objecções me podem pôr. Mas há mais organismos que podem tentar essa aproximação! Pois há. Mas já afirmei que sobretudo ela pertence às Associações, o que de nenhuma forma pode obstar a que esses outros organismos procurem criar ambiente de convívio, o que só poderá servir para um total preenchimento dessa lacuna universitária.

E a outra objecção — A. A. A. A. resolverão intra-Faculdade o problema, mas inter-Faculdades? — leva-me imediatamente ao segundo ponto. E terei de focar já na

solução de E. A., para principiar.

Não concordo, desde logo, com ela. Não é de forma alguma um café moderno com música, pista de baile e biblioteca a chave do problema. Porque se o estudante precisa de conforto e à-vontade, precisa igualmente de recreio, de desporto, de convívio com os mestres, de cultura sobretudo. Ora, ou o café preconizado seria tal qual mais ou menos E. A. sugere e pouco e superficialmente resolvia, ou teria de mudar muito e então seria o que eu defendo e é: um edifício na própria Cidade Universitária, próximo do nosso Estádio, com:

- Cantina-café
- Biblioteca — não direi de cultura especializada
- Salas de jogos
- Salas de exposições
- Sala para o cinema e teatro
- Sala para conferências e debates
- Instalação para tipografia universitária
- Instalações para um emissor radiofónico universitário

Em que iríamos cair?

No que falta em Portugal para que os organismos associativos se transformem em algo de gigantesco e imprescindivelmente válido para a vida do País: na Federação Nacional de todos os organismos associativos universitários.

E é esta a solução para a resolução do problema à escola universitária. É difícil? Não é, não, creiam que não é.

E para a aproximação entre as várias Universidades? O mesmo. Organismos Associativos, Associação Geral de todos, Federa-

ção Nacional. E depois tudo é simples através do intercâmbio regular entre as várias Universidades por meio de excursões (em veículos das próprias organizações estudantes), permuta de realizações, etc.

Vai longo já este arrazoado. Por isso vou dá-lo por findo, não sem declarar a minha satisfação pelo primeiro passo em frente dado para a resolução deste problema: a construção da Cidade Universitária.

Depois tudo o resto virá, necessariamente mais ou menos com prevejo e anseio. Cair na solução de E. A. é que me parece desvantajoso, porque a realizar-se a sua ideia nem o problema ficava ao leve resolvido, e isso obstaria, com certeza, temporalmente falando, a que a solução ideal viesse a alcançar-se. O que não quer dizer que eu, pessoalmente, não considere utilíssimo o seu artigo na medida em que olhou um assunto a necessitar de urgente solução.

ORLANDO NEVES

Representantes:

Lisboa — Direito: *Lucinda Pires. Letras: Silva Pinto. Farmácia: Luísa Pimentel. Medicina: Adão Pedro. D. Felipa de Lencastre: Maria de Fátima, Gabriela Bento, Marília Muñoz, Maria Madalena, Ana Maria, Maria Isabel e Margarida Fernandes Gil Vicente: José Manuel Setúbal. D. de Castro: Maria da Piedade. Camões: Ribeiro Vieira, Rochinha Ribeiro e Machado Diogo Porto: António Jacinto Rodrigues. Viana do Castelo: Rui Brandão Leite Braga. Oeiras: Hugo Matos Gomes. Correspondência: Rua Barão Sabrosa, 151, 1.º D. Lisboa*

lugares de

convívio entre universitários

É dever do universitário saudar todas as iniciativas que por qualquer forma visem uma melhoria do seu ambiente. Por isso, antes de tudo, desejo saudar ROTA, esperando que ele se arvora em porta-voz e, mais do que isso, batalhador pelo universitário português, sem peias, sem ódios, sem egoísmos, amplo, livre, franco e sobretudo moço.

Creio que é da discussão que nasce a luz. Por isso quando em resposta ao seu pedido de colaboração propus ao director de ROTA escrever algo sobre o título genérico que encabeçou o seu artigo e sabendo ele que

Há vários organismos que pretendem o abordamento e solução dos problemas dos universitários. De entre todos eles creio insofismável que são as Associações de Estudantes não só os mais representativos como, sobretudo, os mais «naturalmente» estudantes já porque por eles foram criados, por eles são sustentados, por eles são dirigidos.

Mas à actuação das Associações e até à sua constituição podem apresentar-se críticas, as quais vou eu próprio formular:

1.^a) Não serem absolutamente representativas;

1.^a) A representatividade das Associações conseguir-se-á quando se considerarem como sócios de uma Associação todos os alunos da mesma Faculdade, fazendo a distinção quanto ao número de vantagens entre sócios contribuintes ou não. Isso se conseguirá em futuro breve;

2.^a) É preciso que às Associações seja reconhecido o seu papel autenticamente útil e imprescindível na resolução de muitos problemas universitários;

3.^a) Desse reconhecimento terá que resultar não só o auxílio financeiro, que em boa verdade deve fazer parte da parcela orçamental destinada à Universidade, como igualmente a concessão e a facilitação de instalações adentro da respectiva Faculdade, dignas e funcionais.

Se tudo isto se conseguir, e eu ainda não

a propósito do

nos encontramos lutando pelo mesmo, partindo de pontos diversos, foi com viva e agradável alegria que o vi aceitar a minha proposta.

Aborda-se neste artigo do 1.^o número de ROTA um problema universitário que o articulista e eu consideramos da mais urgente solução. Mas essa base comum não me impede de estar em total desacordo não só com as soluções práticas preconizadas como também com certas afirmações feitas.

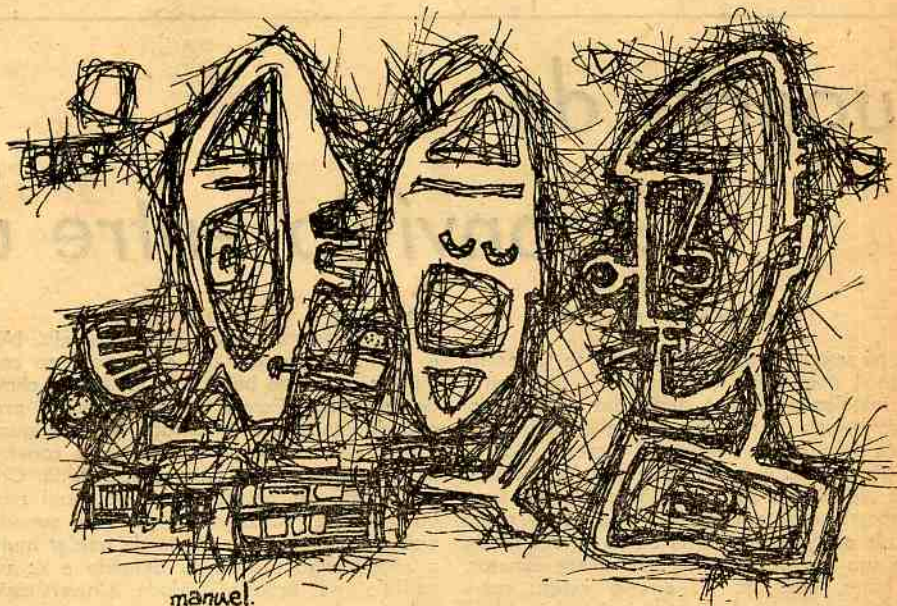
Sempre foi minha forma de escrever tentar ser o mais lógico, rápido e sistemático possível. Assim vou começar por equacionar o problema de convívio e camaradagem da seguinte forma:

— O que é necessário para que a aproximação entre alunos se verifique, adentro das Faculdades portuguesas, cada uma de per si.

— O que é necessário para que efective essa aproximação convivente entre os estudantes universitários de uma mesma Universidade.

— O que é necessário para que se crie a camaradagem entre todos os estudantes universitários de Portugal.

Poder-se-á fazer desde logo uma crítica



artigo de egídio álvaro

por orlando neves

que a mim próprio formulo: só falo em alunos. E os professores? Se me permitirem, guardarei para próximo artigo esse aspecto, afinal enquadrável perfeitamente dentro do que direi para os alunos — ou eu não pensasse que, acima de tudo, a Universidade é uma organização «de» alunos e professores (a ordem das palavras é arbitrária).

2.^a) Suas disponibilidades financeiras não permitirem ainda a total efectuação perfeita dos seus fins;

3.^a) As suas instalações carecem de adequabilidades para essa mesma pros-cussão.

Dizendo agora os porquês e as soluções para estas críticas:

percebi porque se não conseguiu, caem por terra as críticas apresentadas por Egídio Álvaro às Associações, naturalmente irresponsáveis por essa carência de locais de convívio mas de forma alguma entidades que se devam esquecer para solução do problema da convivência, como parece querer fazer o autor do artigo sobre o qual me debruço.

Portanto, à afirmação formulada por Egídio Álvaro, de que o estudante não possui algo de próprio onde conviva, será caso de perguntar porque o não possui ainda e a resposta ficará à consciência de cada qual. Igualmente à afirmação de que a Associação do Técnico é fundamentalmente um local de recreio ou passagem, se pode, com facilidade e em verdade, responder que não o é — como E. A. sabe bem — mas se essas características se acentuam um pouco, fica

(Continua na pág. 11)